

Belly of Wars

Major-general
Nuno Correia Barrento de Lemos Pires



Belly of Wars: o que é?*

“Belly of Wars” é um novo construto que significa em português “barriga de guerras”. Surgiu no seguimento do atual contexto securitário internacional, reportando-se ao conjunto de guerras/conflitos, que partilham vários denominadores comuns - tais como disputa por recursos fundamentais, ameaças híbridas, presença/intervenção de atores revisionistas e contínua ação de grupos terroristas transnacionais -, com consequências (diretas e indiretas) a nível mundial, quer no mar, quer em terra (numa perspetiva contínua de Sea-Land-Sea).

A “mancha” na Figura 1 representa a “barriga” que vai do Ártico ao Sahel, passando pelo Leste Europeu e o Médio Oriente. Esta representação gráfica permite identificar vários atores estatais (tais como a Rússia, o Irão, a Síria, o Iémen, o Mali ou o Níger), empresas militares privadas (como a Wagner, atualmente também denominada de “Africa Corps”) e grupos terroristas transnacionais, como o ISIS¹, a Al-Qaeda e os inúmeros associados de ambos, de âmbito regional (desde o Boko-Haram ao ISIS em Cabo Delgado), entre outros.



Figura 1 - Representação gráfica do construto Belly of Wars.

Fonte: Construído a partir de <https://geology.com/world/world-map.shtml>

Uma panóplia de atores – governamentais, não-governamentais, terroristas e privados –, que levam a cabo variadas campanhas de guerra, desinformação, violência direta e indireta, destinadas ao controlo de áreas fundamentais, ao potenciar de caos, à conquista e ocupação de terreno, à obtenção de recursos fundamentais², à disrupção de rotas marítimas, à intimidação de populações e ao influenciar (para a sua “causa”) de povos e nações em amplas partes das nações deste planeta. Neste contexto, pese os atores e as suas campanhas na “Belly of Wars” (geograficamente delimitadas ao ilustrado na Figura 1), conforme supradito, que afetam literalmente o mundo.

Belly of Wars procura, portanto, delimitar geograficamente guerras/conflitos que perfilham comunalidades, enfatizando a(s) ligação(ões) entre os territórios que se inserem nesta “barriga” e, no fundo, a importância de uma abordagem pelo todo, ou uma

abordagem 360º, como está expresso na Bússola Estratégia (EEAS, 2024)³ ou na abordagem ao sul global feito pela NATO (NATO, 2022)⁴ (NATO, 2024)⁵.

Transpondo este conceito, por exemplo para a guerra de agressão russa à Ucrânia, é visível a forte relação entre as atividades a Sul com as que se desenvolvem no Flanco Leste, através da persuasão russa sobre os parceiros regionais, alicerçada nos seus próprios interesses (financiamento da guerra, aumento da sua ação económica e militar, e criação de uma imagem de “salvador” baseada numa retórica de “desnazificação” e que visa o enfraquecimento das potências ocidentais através da deterioração das relações com os países africanos). Adicionalmente, apesar da esmagadora maioria dos países ONU (141 em 193) terem claramente condenado a invasão russa sobre a Ucrânia - nas votações da Assembleia Geral das Nações Unidas, tanto em março de 2022⁶ como em fevereiro de 2023⁷ -, tem-se que os pouquíssimos apoios em prol de Putin foram realizados por países que, na sua maioria, encontram-se dentro da “barriga” sinalizada a verde no mapa da Figura 1 (designadamente, Bielorrússia, Eritreia, Mali e Síria), com exceção da Coreia do Norte e Nicarágua, que se situam fora deste ambiente geográfico. Por outro lado, têm-se também dentro da delimitação geográfica muitos dos países que se decidiram pela abstenção (caso do Sudão, da República Centro Africana e do Irão), e que, no fundo, fazem parte do chamado “Sul Global”, ou seja, países que mesmo perante um rompimento de relação com a Rússia, ainda sentem uma determinada influência russa. Dito por outras palavras, ainda perfilham a suprarreferida comunalidade que importa combater em todas as geografias.

Stay & Build (na Belly of Wars) - em prol da solução

Pelo até aqui referido, uma posição de “Stay & Build”, em especial, por parte da NATO ou da UE, reveste-se de particular importância, na medida em que se afigura como uma eficaz e eficiente medida para fazer frente aos atores supra descritos, que, a qualquer custo, procuram destabilizar, desagrupar e disromper com os valores, a economia e o estilo de vida baseado no respeito pelo direito internacional e humanitário.

Posição “Stay & Build” operacionalizável, por exemplo, através das Forward Presence Missions. Missões em que a NATO esforça-se por marcar a presença em espaços geograficamente vitais (“where it hurts”) - nomeadamente no flanco leste europeu (Roménia, Polónia e Balcãs) -, e, simultaneamente, por fortalecer as suas parcerias a Sul.

Neste enquadramento, Portugal cumpre também o seu papel de Aliado credível e empenhado, tanto no quadro da NATO como no seio das missões bilaterais e das missões da UE e da ONU⁸, marcando, a sua, já muito reconhecida, presença na Roménia, na Eslováquia, na Lituânia, no Mediterrâneo e, mais a sul, no Iraque, na Jordânia, na Somália, no Mali, na República Centro Africana, na Nigéria, na Mauritânia, no Golfo da Guiné e em todos os países de língua portuguesa. Uma presença dentro da perspetiva Sea-Land-Sea, que contribui para um coerente “Build”, na medida em que coloca obstáculos às ameaças que têm de ser acaradas e digladiada a violência e a influência

perpetuada (no mar e em terra) pelos grupos terroristas.

“If we leave, they’ll stay, they’ll come, and we cannot let them win”

Porque, como Aliados e Parceiros, os países tanto da NATO e da UE, têm estado presentes e pretendem construir pontes de confiança e projetos de desenvolvimento (Build);

Porque, fruto da experiência e do saber acumulado, Portugal como um de entre estes Aliados bem presentes a Sul, está consciente que uma ação de partir e/ou de nada ser realizado em prol dos povos que precisam de ajuda e apoio, abre caminho a que outros - com agendas muito diferentes e nefastas - apareçam e ocupem os espaços vazios (caso de grupos militares privados apoiados pela Rússia ou de inúmeras organizações criminosas e terroristas que crescem no grande Sahel);

O estar, ajudar e apoiar, que sempre tem sido apanágio de Portugal, em particular, e da NATO ou da UE, em geral, é uma “prova provada” de como é importante, e positivamente impactante, a abordagem 360º (da NATO, assim defenida mas inferida também dos documentos estruturantes da UE), garante de segurança e de prosperidade, numa postura resiliente, que, mais do que “resistir”, permite construir (Build) mecanismos de confiança e de estabilidade, assentes no respeito pelo direito internacional e humanitário, e pelas diferenças e idiosincrasias (culturais, etc.).

Uma postura resiliente - associada “à capacidade para acolher, superar e recuperar do impacto”, intimamente ligada à Dissuasão, à Defesa, a uma resposta construtiva e, conforme suprarreferido, à abordagem 360º, em detrimento de uma postura “meramente” resistente, que, “na maioria das situações, tende a pautar-se pelo estabelecimento de uma oposição, de um lutar contra a pressão, alicerçado num ‘aguentar’ por muito tempo”⁹.

Um exemplo prático da demonstração da resiliência, prende-se com os projetos de mobilidade militar e/ou com a crescente interoperabilidade entre Aliados e de Parceiros, não sendo por acaso que: (i) a NATO e a UE têm vindo a apostar, cada vez mais, na formação conjunta e no treino “lado a lado” (“train shoulder to shoulder”), de forma coletiva e coesa; (ii) o compromisso coletivo (“Collectively, we all have to make compromises”) se traduz em ações concertadas em todos os domínios militares (Multi Domain). Neste âmbito, o conceito de Multi Domain Operations (MDO) e, efetivamente, a concretização de operações militares desenvolvidas de forma concertada e convergente entre os variados domínios (ar-terra-mar-espaço-ciber), que, contudo, face a uma barriga de guerras, carece de ser estendido para um mais abrangente, o Hybrid-All Domain Operations.

Hybrid-All Domain Operations (denominação da responsabilidade do autor) que, para além dos cinco domínios acima identificados integra ainda os das: (i) Infraestrutura e comunicações; (ii) Economia; (iii) Cultura; (iv) Sociedade; (v) Administração Pública; (vi) Justiça; (vii) Inteligência e Gestão de Informações; (viii) Política; e (ix) Diplomacia. No fundo, uma postura de resiliência que passa pelo emprego, coordenado e concertado, de

todos estes diferentes instrumentos (e domínios) de poder, e pelo destacar da dimensão “Be”, ou seja, do continuar a Ser.

Estando a NATO a cumprir 75 anos de existência, e sendo, como tal, a mais antiga e mais eficaz organização internacional de segurança do mundo, Ser e continuar a ser, é uma afirmação de resiliência dos 32 Aliados que a integram, concretizada, por exemplo desde logo, pelo profundo compromisso do artigo 5.º, que advoga que um ataque contra um Aliado é considerado um ataque contra todos, sendo, por isso, dever dos demais ajudá-lo na sua defesa.

Com a NATO, são assim alcançados o:

- “Be (ser)”, através dos seus 75 anos de sólida existência e de um crescente número de Aliados;
- “Stay (estar)”, numa postura 360º, em prol de um garantir da defesa coletiva;
- “Build (construir)”. num espírito construtivo de parcerias, tanto em terra como no mar (Sea-Land-Sea), com uma especial atenção ao seu Flanco Sul.

Em síntese...

No mundo atual existe efetivamente “a Belly of wars” (uma barriga de guerras) que ameaça e perturba a ordem internacional, tal como ela era anteriormente conhecida.

Depois da agressão russa à Ucrânia, e face à crescente presença de força e agentes por si patrocinados, em múltiplas geografias, a sociedade contemporânea já não vive no outrora sistema, globalmente garantido pelo profundo respeito por regras e pelo direito internacional.

Neste contexto, a resposta que potencia melhores resultados face às consequências desta terrível Belly of Wars passa por uma atuação combinada, de países verdadeiramente Aliados e cientes do indissociável ciclo de: para se criar Segurança tem de existir Desenvolvimento e para existir Desenvolvimento tem de haver Segurança. Ou, por outras palavras, não há Segurança sem Desenvolvimento, nem há Desenvolvimento sem Segurança.

Em síntese, a “Belly of Wars” obriga a uma resposta de “Be & Stay & Build” da NATO, da EU e de cada país do mundo que acredite e defenda um sistema internacional assente no respeito pelo direito e em regras comuns.

*Agradeço, profundamente, as sugestões e correções de: Brigadeiro-general Ana Baltazar, Coronel Nuno Lourenço, Tenente-coronel Cristina Fachada e Dra. Laura Sousa.

1 Islamic State of Iraq and Syria.

2 Na extensa zona desta “barriga”, merece destaque a região definida como “grande Sahel” onde, além da propagação da insegurança e do seu baixo desenvolvimento, é evidente um especial interesse (e decorrente vulnerabilidade face àqueles que procuram o seu controlo para proveito próprio) despertado pela abundância de recursos naturais que aí existem (caso do petróleo, ouro, lítio e urânio).

3 “Annual Progress Report on the Implementation of the Strategic Compass for Security and Defence”, março 2024. Disponível em https://www.eeas.europa.eu/sites/default/files/documents/2024/StrategicCompass_2ndYear_Report_0.pdf

4 “NATO 2022 Strategic Concept”, junho 2022. Disponível em https://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/2022/6/pdf/290622-strategic-concept.pdf

5 “Secretary General receives final report from group of experts on NATO’s southern neighbourhood”, 20 de março de 2024. Disponível em https://www.nato.int/cps/en/natohq/news_223916.htm

6 “Assembleia Geral repudia ofensiva militar da Rússia à Ucrânia”, 2 de março de 2022. Disponível em <https://news.un.org/pt/story/2022/03/1781482>

7 “Assembleia Geral aprova resolução que pede fim da guerra na Ucrânia”, 23 de fevereiro de 2023. Disponível em <https://news.un.org/pt/story/2023/02/1810387>

8 “Participação de Militares Portugueses em Missões Internacionais - 4.º trimestre 2023”, 10 de janeiro de 2024. Disponível em https://www.defesa.gov.pt/pt/comunicacao/documentos/Lists/PDEFINTER_DocumentoLokupList/20240123-Relatorio_Envolverimento-militares-exterior_4TRI-2023.pdf

9 Pires, N.L. (2023). Os Resistentes. O poder do sacrifício humano no combate ao invasor: da Antiguidade à Ucrânia. Lisboa: Oficina do Livro.